

O LIRISMO E A APREENSÃO POÉTICA DO COTIDIANO EM *O AMANUENSE BELMIRO*, DE CYRO DOS ANJOS

Maíra Estela SANTOS (Mestranda – UFS)

Resumo: Dentro do cenário literário brasileiro da década de 1930, marcado por intensas produções regionalistas e de caráter social, a prosa intimista de Cyro dos Anjos surge como novidade e agrega à literatura nacional um tratamento lírico dos dramas humanos e sociais pelo olhar subjetivo de seus narradores. Diante de tal especificidade, o presente estudo propõe uma análise do romance *O amanuense Belmiro* (1937), considerando a linguagem lírica apresentada na obra como recurso para a apreensão e reflexão poética sobre o cotidiano, elemento este fundamental para a construção da narrativa. Para as análises propostas, foram considerados os textos de teoria literária sobre a forma romanesca de Vítor Manuel de Aguiar e Silva (1991) e Anatol Rosenfeld (1976), bem como os estudos sobre a poesia e a lírica de Octavio Paz (1982) e Shelley (1986). O percurso do estudo possibilitará o entendimento de como se estabelece a relação entre a abordagem lírica, o cotidiano e os questionamentos e linguagem poética presentes no romance.

Palavras-chave: *O amanuense Belmiro*, lirismo, cotidiano, poesia, romance

Introdução

Publicado em 1937, o livro *O amanuense Belmiro*, do escritor Cyro dos Anjos, destacou-se no cenário literário brasileiro, sendo muito bem recebido pelo público e pela crítica literária da época. Algumas razões para essa recepção entusiasmada referem-se à novidade temática e à abordagem intimista que o escritor trouxe, diferenciando-se, assim, do romance social e engajado predominante na década de 1930. Além desses quesitos, o vínculo entre a linguagem lírica e a compreensão poética das coisas e dos homens, conforme Candido (2011), se destaca em toda a narrativa, o que permite a aproximação dessa prosa lírica às reflexões postas pela poesia, visto que traz uma visão individual que capta o mundo de forma singular atrelada ao uso de uma linguagem bastante sugestiva.

Essa percepção subjetiva sobre a realidade circundante, presente no romance *O amanuense Belmiro*, promove uma apreensão poética sobre os acontecimentos

cotidianos vivenciados pelo personagem central e narrador da história. Belmiro Borba, o amanuense de trinta e oito anos, que vive com as irmãs mais velhas, solitário, apesar do contato constante com a roda dos amigos, confia em seu diário os episódios triviais da existência, as reflexões sobre a passagem do tempo, as memórias da cidade onde morou na infância e adolescência, as relações com os amigos e a família, o trabalho burocrático tedioso, as fantasias amorosas, sobre a vida, enfim. Nesse confessar-se através da escrita, deixa transparecer um olhar poético lançado sobre as paisagens habituais, das mais simples até as mais significativas. Essas paisagens ganham tonalidades poéticas, inclusive refletidas na linguagem, o que permite a aproximação desse narrador e dessa narrativa à figura do poeta e às reflexões postas pela poesia, respectivamente.

Além disso, quando se investiga como o romance é construído e como os conflitos postos entre o Eu e o mundo são colocados, percebe-se uma aproximação dessa obra com as configurações do romance moderno, o que reforça a presença da apreensão lírica e das conseqüentes reflexões diante do ser e da realidade.

Diante das especificidades apontadas pela obra em análise, o objetivo deste trabalho é demonstrar como o romance, que traz esse lirismo pela configuração do narrador, apresenta uma forma poética para a apreensão da realidade, das ações, do cotidiano, e como esse tratamento poético interfere na própria linguagem usada na obra, aproximando o romance das discussões sobre a presença da poesia em outras formas literárias, além do poema tradicional, conforme Octávio Paz (1982), e da própria natureza da poesia, segundo Shelley (1986).

Para isso, o artigo será estruturado em duas seções. A primeira tratará da ambigüidade e das configurações da forma romanesca que possibilitam a abordagem lírica e o tratamento diferenciado da linguagem; e a segunda seção priorizará as relações entre as reflexões postas pelo romance e os questionamentos da poesia.

O lirismo e a poesia na forma romanesca

Um dos aspectos que se destacam no romance de Cyro dos Anjos, *O amanuense Belmiro*, é a presença de um forte lirismo, este relacionado com a configuração subjetiva do narrador e personagem central da trama que narra os eventos que lhe ocorrem na vida cotidiana, assim como as reflexões interiores sobre os mais diversos assuntos.

Para o aprofundamento na interioridade desse narrador, é interessante perceber como a própria forma do diário adotada no romance adequou-se aos conteúdos evidenciados ao longo da trama. De acordo com Aguiar e Silva, ao tratar do gênero romance, em *Teoria da literatura*:

Alargando continuamente o domínio da sua temática, interessando-se pela psicologia, pelos conflitos sociais e políticos, ensaiando constantemente novas técnicas narrativas e estilísticas, o romance transformou-se no decorrer dos últimos séculos, mas sobretudo a partir do século XIX, na mais importante e mais complexa forma de expressão literária dos tempos modernos. (AGUIAR E SILVA, 1991, p. 671)

Em sua essência, o romance propicia múltiplas abordagens associadas a diferentes configurações formais, possibilitando uma abertura para a apreciação de temas humanos, filosóficos e sociais. Conforme Aguiar e Silva, “o romance volveu-se em estudo da alma humana e das relações sociais, em reflexão filosófica, em reportagem, em testemunho polêmico, etc.” (AGUIAR E SILVA, 1991, p. 671). É, portanto, uma forma literária que se transforma ao longo do tempo e que possibilita a investigação de conflitos humanos atrelados ao contexto no qual tais conflitos se inserem.

Entre as mudanças perceptíveis ao longo da história desse gênero literário tão singular, é pertinente salientar as importantes alterações que ocorrem quando se pensa o romance moderno. De acordo com Anatol Rosenfeld, no ensaio “Reflexões sobre o romance moderno”, verificou-se uma mudança de perspectiva na forma romanesca através da posição adotada pelo narrador. Segundo Rosenfeld (1976), essa perspectiva se altera a partir de uma abordagem mais próxima da subjetividade do personagem, de

um narrador que busca mostrar a relatividade da visão de mundo exposta na obra. Esse subjetivismo também é evidenciado por Adorno (2006), no ensaio “A posição do narrador no romance contemporâneo”, como mecanismo presente no romance moderno que busca realçar a tensão estabelecida entre o eu e o mundo em conflito. Em *O amanuense Belmiro*, o narrador compartilha as suas impressões subjetivas sobre os acontecimentos do dia a dia, ao mesmo tempo em que investiga a sua interioridade. A partir desse percurso, deixa transparecer a relação que estabelece com o mundo no qual está inserido:

Habituei-me a uma paisagem confinada e a um horizonte quase doméstico. No seu âmbito poucas são as imagens do presente, e muitas as do passado. E se tal vida é melancólica, trata-se de uma sorte de melancolia a que meu espírito se adaptou e que, portanto, não desperta novas reações. (ANJOS, 2000, p. 36)

Assim, a obra já evidencia um mergulho no subjetivismo e transparece uma cosmovisão mais próxima do romance moderno, apesar de apresentar traços que o aproximam das narrativas tradicionais, como a organização do enredo, a sequência dos fatos. Nesse contexto, o romance *O amanuense Belmiro* situa-se como romance de transição, trazendo uma perspectiva relativa em relação ao mundo, posto por um Eu que se destaca. Para Fávero (1991, p. 17), “a temática, a tendência à dissolução do mundo na interioridade, a ambivalência do narrador, aproximam-no das características essenciais do romance moderno”.

Ademais, as mudanças perceptíveis no romance moderno são registradas tanto na temática apresentada, quanto na estrutura da obra, pois, segundo Rosenfeld, “a arte moderna não o reconhece apenas tematicamente, através de uma alegoria pictórica ou a afirmação teórica de uma personagem de romance, mas através da assimilação desta relatividade à própria estrutura da obra-de-arte” (ROSENFELD, 1976, p. 81). De tal modo, os outros elementos da narrativa também apresentam transformações, como a apreensão do tempo, do espaço, a causalidade do enredo. Nas palavras de Rosenfeld

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

(1976, p. 80), “espaço e tempo, formas relativas da nossa consciência, mas sempre manipuladas como se fossem absolutas, são por assim dizer denunciadas como relativas e subjetivas”. Em muitos pontos da narrativa em análise, percebe-se uma aproximação com o conflito temporal que o romance moderno coloca, pois constantemente o narrador retoma lembranças do passado ao mesmo tempo em que sua atenção se volta para o presente. Para Fávero,

com um pé no passado e outro no presente, ele permanece sem referência fixa em nenhuma dessas duas dimensões, permanece sem saber ao certo onde apegar-se, sem um abrigo seguro, arrastando-se num vai e vem, num emaranhado de indecisões, dado que influi na própria concepção do livro que decide escrever. (1991, p. 22)

Isso pode ser evidenciado no romance quando, em meio às ações presentes, as memórias se inserem de forma intensa, modificando a paisagem externa e interna do personagem central. No capítulo “Ano bom”, ocorre uma aproximação entre o presente imediato e as memórias. O narrador, ao ir em busca de um bonde, depara-se com um sanfonista cego na rua em que transitava e este fato o leva às imagens de Vila Caraíbas, cidade do interior de Minas Gerais onde morou, e à imagem da namoradina da adolescência, Camila:

Depois, o cego mudou de esquina, e continuei a pé o caminho, mas bem percebi que os passos me levavam, não para o cotidiano, mas para tempos mortos. Desci a Rua dos Guajajaras com a alma e os olhos na Ladeira da Conceição, por onde, num bando alegre, passava Camila, tão leve, tão casta, depois da missa das nove, na igreja do Rosário. (ANJOS, 2000, p. 33)

O narrador vê-se dividido entre os acontecimentos atuais e as paisagens do passado que com frequência são despertadas e interferem no rumo das reflexões do narrador e da própria sequência narrativa. O conflito temporal que atinge o narrador em seus pensamentos atinge também a própria estrutura dos enunciados, visto que ocorre a junção de imagens de tempos distintos num mesmo período, reforçando a tensão

temporal e a tensão vivenciada pelo personagem.

O romance moderno, portanto, deixou de representar a realidade a partir de uma perspectiva que via o mundo de uma forma mais absoluta e passou a adotar na estrutura da obra uma posição relativa, através da posição subjetiva do narrador e das alterações nos demais componentes da estrutura da obra. Essa subjetividade é perceptível em *O amanuense Belmiro* e influencia na temática abordada, abrindo espaço para essa visão mais lírica posta pelo narrador, centrado em si mesmo, em seus conflitos e lembranças.

Além dessas características que possibilitam a apreensão lírica no romance, é possível também elucidar algumas características que o aproximam da linguagem poética. Octávio Paz, em *O arco e a lira*, trará algumas considerações relevantes sobre a ambiguidade do romance que permitem reconhecer nessa forma literária em prosa a presença também da poesia e de tratamentos diferenciados sobre os recursos da linguagem. De acordo com Paz, “O caráter singular do romance provém, em primeiro lugar, de sua linguagem. É prosa? [...] que não obedece às mesmas leis” (PAZ, 1982, p. 274). Essa prosa diferenciada, característica do romance, possibilita um duplo direcionamento para a sua configuração. Segundo Octávio Paz:

O romancista não demonstra nem conta: recria um mundo [...] não lhe interessa contar o que se passou, mas reviver um instante ou uma série de instantes, recriar um mundo. Por isso recorre aos poderes rítmicos da linguagem e às virtudes transmutadoras da imagem. Sua obra inteira é uma imagem. Assim por um lado, imagina, poetiza; por outro, descreve lugares, fatos, almas. Confina com a poesia e com a história, com a imagem e com a geografia, com o mito e com a psicologia. Ritmo e exame de consciência e imagem, o romance é ambíguo. (PAZ, 1982, p. 274)

O romance consegue, dessa forma, mesmo se utilizando da prosa, demonstrar questionamentos e usos da linguagem que apelam para o ritmo, para o som. Seu caráter ambíguo permite uma conciliação com a poesia, com a metáfora, com a imagem. Toda a obra podendo ser vista como uma imagem: “Sua essencial impureza brota de sua constante oscilação entre a prosa e a poesia, o conceito e o mito. Ambiguidade e

impureza que lhe vêm do fato de ser o gênero épico de uma sociedade fundada na análise e na razão, isto é, na prosa” (PAZ, 1982, p. 274-275). Assim, o romance apresenta-se como um gênero literário ambíguo, apelando tanto para a prosa quando para a poesia.

Além disso, a própria poesia e o conceito de poema, na concepção de Octávio Paz, são tomados de forma mais abrangente, visto que a poesia e o poema podem se manifestar em outras formas literárias além do poema tradicional: “O poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem. O poema é um organismo verbal que contém, suscita ou emite poesia. Forma e substância são a mesma coisa” (PAZ, 1982, p. 17).

Ao mesmo tempo em que a forma romanesca permite essa investigação do eu, dos conflitos internos, trazendo uma abordagem lírica, também pode utilizar a própria linguagem como recurso para o poético, para a expressão da poesia. Esses dois traços são perceptíveis no romance analisado, sendo que tanto o lirismo quanto a linguagem poética estão relacionados com a apreensão do cotidiano. Para Candido, no ensaio “Estratégia”,

O amanuense Belmiro é o livro do burocrata lírico. Um homem sentimental e tolhido, fortemente tolhido pelo excesso de vida interior, escreve o seu diário e conta as suas histórias. Para ele, escrever é evadir-se da vida; é a única maneira de suportar a volta às suas decepções, pois escrevendo-as, pensando-as, analisando-as, o amanuense estabelece um movimento de balança entre a realidade e o sonho. (2011, p. 74)

O amanuense, ao contar suas vivências diárias, os conflitos com as irmãs, com os amigos, as frustrações amorosas, as fantasias, traz para o romance uma apreensão lírica, um olhar íntimo que a tudo capta para refletir-se e refletir o mundo que o cerca:

Na verdade, os olhos apenas refletiam imagens, logo as devolvendo para o exterior, porque algo impedia uma comunicação entre o mundo de fora e o de dentro, rico de uma paisagem mais numerosa, que só possuía, em comum com aquele, os esfumados traços de

coisas que se vão extinguindo, ao morrer da luz, e pesada tristeza, que, em certas oportunidades, nos parece estar no fundo e na forma de cada coisa, em vez de se localizar em nós mesmos. (ANJOS, 2000, p. 96)

As tensões entre interioridade e exterioridade são as notas predominantes na narrativa. Para Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, o autor prioriza os estados da alma do personagem central e demonstra, a partir disso, uma relação de passividade entre o eu e os conflitos que vivencia, que o cercam, através da própria forma que adota em seus principais livros:

o escritor mineiro narra, em primeira pessoa, menos a vida que as suas ressonâncias na alma de homens voltados para si mesmos, refratários à ação, flutuantes entre o desejo e a inércia, entre o projeto veleitário e a melancolia da impotência. O diário é a estrutura latente desse tipo de narração. E o enredo tende a perder os contornos, as divisões nítidas, e a diluir-se no fluxo da memória que vai evocando os acontecimentos. (BOSI, 2002, p. 418)

Configura, dessa forma, um romance que destaca a subjetividade e a apreensão poética das coisas através de uma estrutura narrativa que permite o encontro entre a prosa e a poesia.

A poesia sobre o cotidiano em *O amanuense Belmiro*

O romance *O amanuense Belmiro* se constrói a partir de uma visão lírica do narrador que confessa sua vida ao diário pessoal. Essa vida contada centra-se no que ocorre no cotidiano do personagem, desde os acontecimentos mais significativos, como a internação e posterior morte da irmã, a prisão, até aspectos miúdos do dia a dia; um cão que late, um sanfonista no meio da rua, datas comemorativas. São esses acontecimentos que conduzem a narrativa e o próprio narrador no processo de escrita do diário, visto que tais acontecimentos alteram o rumo das notas, acrescentam pausas e distanciamentos: “Quis, então, voltar a estas notas, que se vão tornando o centro de

interesse de minha vida. Mas, na noite em que comecei de novo a folheá-las, ocorreu outro empecilho: o estado de saúde das velhas. Falarei nisso amanhã. Acho-me cansado e não há pressa” (ANJOS, 2000, p 42). É a partir desses fatos que o personagem Belmiro Borba lança a apreensão lírica que o revela, que proporciona reflexões existenciais, memórias, fazendo-o embarcar em fantasias diante da realidade. Para Candido, o que se destaca na composição da obra é justamente esse olhar poético em confronto com uma apreensão mais objetiva das coisas:

Ciro dos Anjos possui [...] um maravilhoso sentido poético das coisas e dos homens. O que é admirável, no seu livro, é o diálogo entre o lírico, que quer se abandonar, e o analista, dotado de humour, que o chama à ordem; ou, ao contrário, o analista querendo dar aos fatos e aos sentimentos um valor quase de pura constatação, e o lírico chamando-o à vida, envolvendo uns e outros em piedosa ternura. (CANDIDO, 2011, p. 76)

Essa apreensão poética é marcante em toda a prosa. No capítulo “Um São João que vai longe”, é possível perceber um aprofundamento do eu relacionado com as imagens do cotidiano. A personagem inicia o relato com a exposição de um fato comum, andar pela rua, ver o movimento referente à data festiva: “Quando vi a fogueira, passei ao largo, com medo de que os meninos me atirassem bombinhas. Mas, mesmo de longe, pude apreciar esse São João alegre e buliçoso, cheio de balões e de vozes gratas da infância” (ANJOS, 2000, p. 59). A partir desse fato, o narrador passa a adentrar nas reflexões sobre si e sobre a existência, a passagem do tempo, manifestando um movimento que transforma a cenário habitual:

Eis o lado melancólico do São João, do Natal e do Ano-Bom. Cada ano, ao vê-los chegar, verificamos que a paisagem do passado vai ficando mais azul, mais distante, como aquela serra que azula no horizonte, além, muito além da qual nasceu Iracema. (ANJOS, 2000, p. 59)

Esse processo de reflexão íntima reforça a apreensão lírica do narrador e revela uma relação entre o eu e o mundo que prioriza a paisagem interior. Para Fávero (1991, p.

27), em *A prosa lírica em Cyro dos Anjos*, “Da relação eu narrativo/mundo em obras assim concebidas, veremos que há uma tendência de o primeiro envolver o segundo, trazendo-o para dentro de si, numa atitude própria do lírico, cujo coração sempre é mais vasto que o mundo”. A força dessa assimilação lírica ecoa numa linguagem mais próxima da poesia, pois o narrador vale-se de metáforas, de comparações, para expressar-se com mais contundência: “Vã tentativa de reintegração de porções que se desprenderam da alma nesse trajeto imenso. Em cada ramo à beira do caminho ficou um pouco de nossas vestes e é inútil voltar, porque os bichos comeram os trapos que o vento não levou” (ANJOS, 2000, p. 60). A vida que passa é vista como um trajeto, uma estrada na qual o ser humano deixa um pouco de si, sendo impossível de se recuperar. O capítulo estrutura-se como uma sequência: o cotidiano imediato desperta um sentimento lírico, de reflexão sobre si mesmo e sobre a vida, repercutindo em uma linguagem poética resultante dessa reflexão.

Ademais, a própria forma do diário usada no romance abre espaço para a apreensão da individualidade, pois, segundo Bilenky (1992, p. 7), no diário, há uma atenção especial para a situação do sujeito, que se representa como indivíduo, relatando a sua relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. O diário é o lugar propício para o destaque da escrita íntima. Ao mesmo tempo, essa mesma forma adotada no romance prioriza os acontecimentos presentes, do dia a dia:

A própria forma do diário facilita ou melhor, concede o tema da vida cotidiana, cujo esforço está na linguagem, na comunicação, uma técnica que exige seleção, forma e ritmo imposto ao mundo da ação, por meio da qual se enriquece ou se renova a apreensão desse mundo de ação. (BILENKY, 1992, p. 27)

A forma do diário opera, dessa forma, como meio apropriado para destacar o eu e a realidade imediata, o lugar de encontro entre esses dois polos: o narrador e o mundo. Além disso, o próprio diário e a própria visão lírica sobre o cotidiano favorecem o encontro com as memórias, com as fantasias, abrindo um espaço para o passado, o que

retoma, por sua vez, o conflito temporal presente na obra:

o lirismo é extraído desse agora constante e sempre novo, pois o agora do narrador já dimensiona por si o passado da escrita e do narrador, ao tornar presente a matéria da memória, e da fantasia no ato de escrever. Esse estado de alma que aflora é o que funda o aspecto lírico em OAB. (BILENKY, 1992, p. 54-55)

Diante dessa estrutura narrativa e das temáticas que o romance propõe, é válido relacionar as abordagens reflexivas apresentadas, bem como a linguagem usada no romance, aos questionamentos da própria poesia tomada em seu sentido amplo. De acordo com Shelley, a poesia manifesta uma forma diferenciada de captação do mundo a partir de um processo que prioriza a expressão da imaginação:

A poesia, em sentido geral, pode ser definida como a expressão da imaginação, e é congênita do homem. Este é um instrumento para o qual uma série de impressões internas e externas é conduzida, como a alternância de um vento sempre mutável, para uma harpa eólica, fazendo-a vibrar numa melodia sempre vária. (SHELLEY, 1986, p. 34)

Essa expressão da imaginação e de revelação de impressões internas presentes na poesia é perceptível em *O amanuense Belmiro*. O narrador traz os mais variados e inusitados acontecimentos para um reconhecimento subjetivo, imaginativo, que interfere na forma como apreende a realidade e a si mesmo:

Na verdade, os olhos apenas refletiam imagens, logo as devolvendo para o exterior, porque algo impedia uma comunicação entre o mundo de fora e o de dentro, rico de uma paisagem mais numerosa, que só possuía, em comum com aquele, os esfumados traços de coisas que se vão extinguindo, ao morrer da luz. (ANJOS, 2000, p. 96)

Há uma busca pelo entendimento da própria existência pelas reflexões particulares, postas por uma linguagem bastante figurativa. Conforme Shelley, o sentido poético das coisas, além de atrelado à imaginação, ao uso diferenciado que se faz das imagens, o que promove uma espécie de melodia sobre os acontecimentos, interferirá na linguagem: “A linguagem do poeta é vitalmente **metafórica**, isto é, assinala as

relações das coisas antes inapreendidas, e perpetua a apreensão delas” (SHELLEY, 1986, p. 37). É fundamental o uso de uma linguagem metafórica que consiga assimilar algo diferenciado na relação entre o ser humano e as coisas, proporcionando a permanência destas por mais tempo, possibilitando uma nova maneira de enxergá-las.

Na obra em estudo, o narrador, no capítulo “A donzela Arabela”, ao tratar do mito da infância que é retomado na figura de Carmélia, evidencia todo um esforço do homem em buscar a sua essência, os seus mitos e fantasias. Para isso, ele abre mão da realidade que não lhe é poética, uma crua realidade, e busca colocar novamente um “véu sobre as coisas” que lhe possibilite uma assimilação diferenciada. Um olhar de poeta é lançado:

Há muito que ando em estado de entrega. Entregar-se a gente às puras e melhores emoções, renunciar aos rumos da inteligência e viver simplesmente pela sensibilidade—descendo de novo, cautelosamente, à margem do caminho, o véu que cobre a face real das coisas e que foi, aqui e ali, descerrado por mão imprudente —parece-me a única estrada possível. Onde houver claridade, converta-se em fraca luz de crepúsculo, para que as coisas se tornem indefinidas e possamos gerar nossos fantasmas. Seria uma fórmula para nos conciliarmos com o mundo. (ANJOS, 2000, p. 39)

No romance, percebe-se também uma estratégia de transfiguração da realidade posta pelo narrador, ao impor esse olhar lírico sobre as coisas como forma diferenciada para o reconhecimento do mundo que o cerca. Assim, o uso de uma linguagem metafórica (véus, fantasmas, claridade, crepúsculo) ajusta-se ao propósito de manifestar um novo olhar sobre os episódios. Nas palavras de Shelley, esse processo de transfiguração sobre a experiência é fundamental na construção da poesia, pois:

Os poetas não estão apenas subordinados a estas experiências como espíritos de requintada organização, mas podem colorir tudo quanto combinam com os tons esvaentes deste mundo etéreo; uma palavra, um traço na representação de uma cena ou de uma paixão, fará vibrar a corda encantada e reanimará, naqueles que alguma vez experimentaram essas emoções, a adormecida, a fria, a sepultada imagem do passado. (SHELLEY, 1986, p. 76)

Além desse aspecto, ao refletir sobre a poesia, Shelley destaca a manifestação que ela promove da beleza, de condução ao belo: “A poesia tudo conduz para o belo: exalta a beleza do que é mais belo e acrescenta beleza à mais deformada das coisas; casa o jubilo e o horror, a união, sob o seu brando jugo, todas as coisas irreconciliáveis. Transmuta tudo quanto toca” (SHELLEY, 1986, p. 77). Esse olhar poético e de condução ao belo, mesmo a partir de cenas que poderiam passar despercebidas, com frequência é lançado pelo narrador do diário na captação das paisagens cotidianas:

A humanidade se transfigura de súbito, neste dia extraordinário. Que elemento se introduzirá na essência das coisas para que tudo venha, assim, apresentar uma face nova e desconhecida, e para que todos os seres ganhem uma expressão especial, quase graciosa, de agitada felicidade? As árvores se fazem mais verdes, e os paraísos, como cantam! Será o poder de criar e de transfigurar, que possui a alma humana, ou haverá uma efetiva transformação no tecido íntimo das coisas? Afinal, pouco importa. A realidade é a aparência, e o que é—no fundo—não o é para nós, como diz Silviano. (ANJOS, 2000, p. 23- 24)

O poeta consegue colorir tudo quanto toca e mudar as coisas pelo seu olhar diferenciado. Justamente isso que Belmiro realiza sobre a paisagem cotidiana. A sua vida tediosa, sem animação, com frustrações amorosas, com uma roda de amigos se extinguindo, tudo isso o leva a uma dissolução, a um esvaziamento, que ele preenche pela apreensão lírica e poética lançada sobre os acontecimentos habituais. Busca preencher o espaço amorfo em que se encontra pelo colorido e pela transmutação da realidade, pela poesia que ecoa em sua linguagem através da investigação sobre si mesmo, que, por sua vez, é despertada pela paisagem cotidiana que o chama à reflexão. O narrador é um poeta lírico.

Considerações finais

O caráter singular do romance *O amanuense Belmiro*, do escritor mineiro Cyro dos Anjos, permite relacionar a sua abordagem lírica com a poesia e com uma linguagem poética que manifesta o olhar subjetivo do narrador diante dos acontecimentos.

A própria estrutura do romance, em forma de diário, a aproximação deste a aspectos postos pelo romance moderno, como a perspectiva relativa do narrador, a cosmovisão apresentada e o conflito temporal, ajustam-se ao propósito de manifestar uma visão subjetiva, lírica, que a tudo envolve, favorecendo a uma assimilação poética sobre a realidade vivenciada pelo personagem Belmiro Borba.

Com esse tratamento lírico relacionado aos fatos cotidianos postos pelo romance analisado, foi possível compreender como a obra dialoga com os questionamentos postos pela poesia, como o aprofundamento sobre o eu, sobre o mundo, a transfiguração da realidade, a condução ao belo, através de uma linguagem que se vale de metáforas e da criação de imagens que favorecem a apreensão e a permanência das coisas.

Nesse sentido, o romance *O amanuense Belmiro* traz para a sua composição formal elementos da poesia que reforçam o conteúdo apresentado, participam da configuração do narrador e da abordagem do cotidiano e permitem, por consequência, um entendimento poético da relação entre o eu e o mundo.

Referências

- ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2006. p. 55-63.
- ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. 15. ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2000.
- BILENKY, Marlene. *A poética do desvio: a forma do diário em O amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos*. 1992. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- BOSI, Alfredo. Tendências contemporâneas. In: *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 383-422.
- CANDIDO, Antonio. Estratégia. In: *Brigada ligeira*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 73-79.
- FAVERO, Afonso Henrique. *A prosa lírica de Cyro dos Anjos*. 1991. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Trad. de Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In *Texto/Contexto*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 75-97.

SHELLEY. *Defesa da poesia*. Trad. J. Monteiro-Grillo. Lisboa: Guimarães Editores. 1986.